



ISSN: 2230-9926

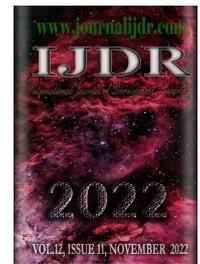
Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 12, Issue, 11, pp. 60339-60342, November, 2022

<https://doi.org/10.37118/ijdr.25833.11.2022>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NA COOPERATIVA OESTE ECOLOGIA NO MUNICÍPIO DE BOM JESUS DA LAPA-BA

Robson de Cássio Santos Dourado¹, Maria Ercília Oliveira de Jesus² and Roberta Meira Gomes³

¹Secretaria Municipal de Educação de Vitória da Conquista-BA. Caminho 11, número 07, Urbis V, Vitória da Conquista-Bahia. Cep- 45077-136; ²Universidade do Estado da Bahia. Rua Café, número 37, Novo Horizonte, Guanambi-Bahia. Cep- 46430-000; ³Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Bom Jesus da Lapa. Quadra A, número 07, Primavera II, Bom Jesus da Lapa- Bahia. Cep- 47600-000

ARTICLE INFO

Article History:

Received 07th August, 2022

Received in revised form

20th September, 2022

Accepted 29th October, 2022

Published online 30th November, 2022

KeyWords:

Catadores, Cooperativa, Materiais Recicláveis, Trabalho.

*Corresponding author:

Robson de Cássio Santos Dourado

ABSTRACT

Os catadores de materiais recicláveis fazem parte de uma categoria social de trabalho que não se enquadram na Consolidação das Leis do Trabalho. Assim, sua organização fica a cargo da individualidade ou das Cooperativas. Essas demandas, nos fizeram questionar: como ocorre a organização do trabalho dos catadores de materiais recicláveis na Cooperativa Oeste Ecologia no Município de Bom Jesus da Lapa-BA? Assim, o objetivo geral desta pesquisa é analisar a organização do trabalho dos catadores de materiais recicláveis na Cooperativa Oeste Ecologia. Os caminhos delimitados para o estudo foram: uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, possibilitada a partir do desenvolvimento de 24 entrevistas semiestruturadas com um terço dos associados a Cooperativa. Analisamos os dados construídos nas entrevistas a partir da análise de conteúdo focalizando nas temáticas propostas. Os resultados apresentaram que a organização do trabalho dos catadores associados a Cooperativa Oeste Ecologia ocorre com a coleta dos materiais recicláveis nas ruas, no aterro sanitário e em alguns pontos específicos da cidade, como supermercados. Apesar de estarem associados a uma Cooperativa, ainda é distante a visualização de um trabalho coletivo organizado seja na coleta dos materiais ou na distribuição dos valores arrecadados e nas tomadas de decisão coletivas.

Copyright©2022, Robson de Cássio Santos Dourado et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Robson de Cássio Santos Dourado, Maria Ercília Oliveira de Jesus, Roberta Meira Gomes. "A organização do trabalho dos catadores de materiais recicláveis na cooperativa Oeste Ecologia no Município de Bom Jesus da Lapa-BA". *International Journal of Development Research*, 12, (11), 60339-60342.

INTRODUÇÃO

A natureza é parte integrante da sociedade e é considerada pela maioria das pessoas enquanto aquilo que não foi criada pelos seres humanos ou não sofre com a ação direta deles. É considerada como algo distante do artificial e das construções humanas (ALBUQUERQUE, 2007). Todavia, o conceito de natureza não é algo estático, cada autor apresenta uma ideia a respeito dessa categoria, e como salienta Carvalho (2003) seria um tanto quanto arrogante acreditar que aquilo que entendemos por natureza hoje, se manteve historicamente a mesma durante os séculos. A alteração da conceituação acerca da natureza, ocorre pelas ações do ser humano no desenvolvimento de suas atividades, que desencadeiam processos que influem na ordem natural dos fenômenos e estas influências alteram as compreensões de homem, sociedade, natureza e de trabalho. Nessas influências das ações humanas na ordem natural, Marx (1978) argumenta que o homem viver da natureza significa que o papel da natureza é ser o corpo que fica em um processo contínuo para não morrer.

Ou seja, a vida física e mental da sociedade está interconectada diretamente com a natureza, proporciona o sentido de que a natureza está ligada a ela mesma já que o homem é parte da natureza. Para compreender essa relação é necessário entender a dinâmica da sociedade dividida por classes pertencente a organização do sistema capitalista. A maioria das organizações de vida nas sociedades ocidentais contemporâneas são baseadas no ciclo de vida econômico do capitalismo. As modificações na dinâmica do capital têm permitido a ascensão constante do progresso, das diferentes formas de vida humana, da engenhosidade para a criação, o desenvolvimento tecnológico e consequentemente as melhorias por meio de materiais obtidas pela humanidade. Todavia, a base para esse desenvolvimento econômico é sustentada no uso dos recursos naturais, principalmente os não renováveis, o que numa ótica ambiental e lógica, ocasiona a redução da biodiversidade, poluição e consequente acidificação dos oceanos, além do acúmulo de dióxido de carbono na atmosfera (MARTINE; ALVEZ, 2015). Ao pressupor o abastecimento ilimitado das condições de produção, englobando as forças de trabalho e da natureza, o sistema capitalista arrisca a própria reprodução do capital, gerando o que James O'Connor (2002) nomeia de "segunda contradição do capitalismo". As violações direcionadas às forças de

trabalho em conjunto com a exploração da natureza geraram uma elevação nos custos do processo produtivo, fazendo com que o capitalismo incorpore tais externalidades negativas em seus produtos e conseqüentemente conduziria a uma compressão do lucro (O'CONNOR, 2002). Encontra-se nessa dualidade a contradição marca deste sistema: a busca constante pelo lucro e a deterioração das bases materiais e sociais de sua própria reprodução. Por outro lado, autores como Chesnais e Serfati (2003), argumentam que a contradição do sistema capitalista está nos mecanismos clássicos de criação e extração da mais valia – como a celebre teoria de Marx (1983) em seu livro “O capital” – tendo como reflexo desta contradição a exploração da natureza e dos homens até seu esgotamento.

As proporções mundiais do capital na contemporaneidade e seus contornos adquiridos pela economia, proporcionam essas tais contradições em diferentes níveis do local ao global caracterizando a crise. O consumo é uma das produções dessa dinâmica do capital e pode ser considerado enquanto um conjunto dos processos socioculturais que se apropriam e usam os produtos (CANCLINNI, 1999). Sua lógica de apropriação dos recursos naturais para a construção de uma cultura que se baseia não só na fabricação, mas também no uso e descarte em larga escala, alimenta uma mentalidade que valoriza a apropriação para a construção de determinados status sociais. Os produtos deixaram de ser somente objetos para sanar alguma necessidade, eles se tornaram reguladores de posição social que causam prazer aqueles que portam os considerados, melhores. Englobam-se no cenário do consumismo questões como a identificação coletiva, a propaganda subliminar que buscam convencer a incorporação de novos conceitos sobre as necessidades, os meios de comunicação em massa, as transformações dos mercados orquestradas pelas grandes corporações, as realizações pessoais através dos impulsos de autoexpressão, além da busca por segurança e das propensões sociais e psicológicas (MANCIBO *et. al.*, 2002).

É importante ressaltar que parte da população acredita que o consumo está restritamente ligado ao ato da compra, todavia, a cultura do consumo nos envolve não somente como consumidores ativos, mas como seres humanos. Além dos padrões de vida ativa de ter, comprar, pegar, comer, beber, existe uma forma de consumir chamada contemplar, ver, cheirar, sentir. São os pequenos prazeres de consumo que afastam os conceitos econômicos e aproximam mais o ser humano de uma vida de satisfações mais duráveis e permanentes (SAPPER, 2011). Essa cultura do consumo, considerada o engenho mais eficaz do capitalismo causa duas ameaças profundas a humanidade do século XXI: o caos ecológico e a profunda desigualdade social no mundo inteiro (MARTINE; ALVEZ, 2015). Isso ocorre pois o capitalismo através dos seus sistemas exploratórios de matéria prima e pela primazia do uso e descarte, agravam através da organização econômica diferenças sociais que são históricas e alimentadas por este sistema. Assim, as desigualdades ficam cada vez mais escancaradas no meio social e os sujeitos que vivem na base dessa pirâmide social dependem da venda de sua força de trabalho para sobreviver. Vivemos em uma sociedade imediatista onde predomina o consumismo exagerado e a busca por prazeres momentâneos.

A utilização dos meios tecnológicos, cada vez mais evoluídos em um menor período, proporciona que a cultura do consumo e descarte (ou seja, o lixo), se torne um dos maiores problemas sociais do mundo. A falta de conscientização das verdadeiras necessidades básicas e o estímulo ao consumo, desenvolve na sociedade um complexo de alienação perante as pequenas ações que praticam diariamente, ou seja, há uma ideia de necessidade de consumo supérfluo e de atualização constante da compra de aparelhos eletrônicos para o encaixe social. Isso acaba prejudicando de forma desordenada o processo natural do meio ambiente. Podemos observar que um dos mecanismos para propor a sustentabilidade no planeta e dirimir os impactos gerados pela ação antrópica é a reciclagem. Nesse viés, tal prática contribui para a preservação e o equilíbrio do meio ambiente. Visto que, há um crescente volume de resíduos produzidos pela sociedade, e para promover este equilíbrio ambiental é necessária a

reciclagem de diversos materiais que seriam descartados e acumulados nos lixões, aterros sanitários ou em locais públicos, em que os materiais descartados produzem substâncias tóxicas que contaminam o solo e a água, além de produzir gases tóxicos. Diante disso, a reciclagem vem sendo uma alternativa para amenizar o problema, porém, é necessário o engajamento da sociedade para realizar essas ações. Nesse sentido, os catadores são colaboradores essenciais para o processo da reciclagem, estes que por vez desempenha um relevante papel social, passando muitas das vezes despercebidos por populares que não tem a sensibilidade e a humildade para reconhecer esse trabalho que é tão importante para o meio ambiente, e além de tudo caracteriza-se como fonte de renda, e única para alguns. São pessoas que estão à margem da sociedade por motivos como a falta de escolarização ou por não conseguirem um emprego com o amparo das leis trabalhistas (SANT'ANA; MAETELLO, 2016). Para além, Matias e Cavalcante (2020) nos afirmam que os catadores de resíduos vivem uma falsa inclusão, isso deriva do fato desses sujeitos terem uma ocupação, não significa que estes estão em processo de inclusão, esses catadores são sujeitos marginalizados e trabalham em condições extremamente precárias. Assim, a sociedade na maioria das vezes acaba não pensando a real necessidade dessas pessoas que estão do outro lado desse processo, praticando atos que contribuem para a saúde do planeta Terra. Tendo em vista que o estudo do papel social dos catadores de materiais recicláveis pode evidenciar a importância destes trabalhadores para toda a organização social, além de garantir espaços de reflexão acerca do trabalho que eles vêm desempenhando no município, o estudo questiona: Como ocorre a organização do trabalho dos catadores de materiais recicláveis na Cooperativa Oeste Ecologia no Município de Bom Jesus da Lapa-BA? A pesquisa tem como objetivo central: analisar como ocorre a organização do trabalho dos catadores de materiais recicláveis na cooperativa Oeste Ecologia.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa, pois é a que dá conta de estudar os fenômenos sociais em sua plenitude e otimiza o estudo da temática expressa. A abordagem qualitativa considera a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. A respeito, a pesquisa qualitativa Minayo, (2004, p. 21), “[...] trabalha com os significados de uma realidade social a partir da realidade vivida pelo ser humano”. A autora ainda coloca que “Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes” (MINAYO, 2004, p.21). A pesquisa é caracterizada como de campo. Segundo Fonseca (2002) a pesquisa de campo realiza sua coleta de dados junto a pessoas, a partir da utilização do recurso de diferentes tipos de pesquisa como a pesquisa ex-post-facto, a pesquisa ação e a pesquisa participante. Para possibilitar a coleta de dados através da interação entre pesquisador/sujeitos, a entrevista ganha destaque entre os instrumentos. A entrevista escolhida foi a semiestruturada, pensando numa abordagem mais livre, a fim de explorar intensamente informações. A entrevista semiestruturada, segundo Triviños (1987) é aquela que parte de alguns questionamentos básicos, apoiados em conhecimentos teóricos, que podem proporcionar um amplo campo de interrogativas, conforme as respostas dadas pelo entrevistado. Para a análise dos dados coletados a partir das entrevistas, desenvolvemos a análise de conteúdo enfatizando as temáticas abordadas durante a pesquisa. Segundo Bardin (2016), esse tipo de análise é um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a discursos de conteúdo, ou seja, textos produzidos por nossos participantes. As etapas estabelecidas pelo autor se organizam a partir da pré-análise dos dados (diagnóstico); após segue-se o momento de exploração do material (sistematização dos dados) e por fim, o tratamento dos resultados: inferência e interpretação. Após seguir estas etapas, os dados foram categorizados, a posteriori, a partir das temáticas: Identificação dos catadores; Organização do trabalho do catador; Dificuldades encontradas na prática laboral.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para preservar a identidade dos pesquisados, os vinte e quatro participantes dessa pesquisa foram identificados pela letra C e enumerados de 1 a 24. Além disso, em relação a escrita das respostas desenvolvidas durante as entrevistas, buscamos aproximar a escrita da normal padrão para preservar os participantes. Inicialmente, os vinte e quatro colaboradores foram questionados sobre o tempo que trabalha com catação de materiais recicláveis. Nesse contexto, um dos vinte e quatro participantes nos informou que não sabia responder, os outros vinte e três participantes forneceram respostas que variaram de 3 a 30 anos, tendo uma média entre os participantes de 9,52 anos de atividade laboral como catador. Essa quantidade de tempo trabalhando na condição de catador, é um retrato das possibilidades de integração que nossa sociedade oferece aos sujeitos que não se encontram como donos dos meios de produção e que não possuem algum tipo de profissão reconhecida pelas leis de trabalho vigentes. Variações em extratos sociais dentro da classe proletariada fornecerão a manutenção da organização capitalista, pois a ideia de adesão de maior rentabilidade econômica para a mudança de status social alimenta a mente dos trabalhadores em geral. Perante a isso, buscamos compreender quais os motivos que possibilitaram a escolha pela profissão de catador por estes sujeitos. Dentro dessa perspectiva, questionamos os participantes: “Quais os motivos levaram-no (a) a ser catador (a) de materiais recicláveis?” Abaixo apresentamos as descrições:

Para ser sincera foi por questões econômicas, estou com um problema de saúde que não e deixou trabalhar mais, e, também pelo meio ambiente que é bom (C3, 2019, grifos nosso). Porque minha profissão mesmo era borracheiro, mas não ta tendo [trabalho] na profissão. Porque na minha idade, a firma não pega mais, aí o jeito que eu tive foi partir e de carrocinha não tava dando. Aí parti pra reciclagem porque é o que ta me dando lucro, dando renda dentro de casa pra sustentar a família e a neta também né (C6, 2020). Tenho um braço defeituoso, não arrumei outro serviço, né? Fazer o quê [...] (C8, 2020, grifos nosso). Ahn... é a falta de emprego né? Fazenda né? Fábrica né? Indústria, não temos né. Aí levou eu [a] trabalhar na reciclagem. É um serviço digno, mas [...] a gente somos desconhecidos [...], porque [...] somos a pessoa que recicla o pessoal né? Somos esquecidos porque nós não temos renda nenhuma, não tem ajuda do governo, nem do prefeito, nem do vereador, nem de deputado, nem de senador, né? E aí, a gente têm essa renda baixa, falta de reconhecimento dos nossos candidatos eleitos e da própria justiça né? Que não vê a gente como catador, pessoa digna, honesta que ta lutando pra sobreviver por conta própria. Pega muito sol quente, [...] as vezes, pega muito mal cheiro nessa reciclagem por conta do lixo nós não temos assim, uma roupa adequada pra trabalhar entendeu? Falta de transporte, falta de reconhecimento dos nossos candidatos, dos órgãos públicos que não vem ajudar e reconhecer. Somos desclassificados nessa área de serviço. (C09, 2020, grifo nosso). É que uma vez eu cheguei lá [Cooperativa Oeste Ecologia], e catando alumínio assim, aí eu vi os outros catando aí eu comecei catar também. Eu sei que já tem uns trinta anos lá dentro trabalhando, to lá até hoje. Era sem emprego quando eu cheguei por aqui, eu era lá de Sítio do Mato, aí cheguei por aqui e comecei a trabalhar aqui. [Entrevistadora questiona se trabalhava em outra cidade] [...] em outra cidade, em Sítio do Mato (C18, 2020).

A grande maioria dos participantes da pesquisa estabeleceu como fator preponderante a falta de emprego para a escolha de adentrar o mercado dos catadores de materiais recicláveis. Em todas as falas, os participantes não apontam a profissão catador de materiais recicláveis como ideal ou carreira, ela se desenvolveu na vida dos participantes por ser a possibilidade viável para o próprio subsídio e das suas famílias. Esses relatos fazem referência a construção social da profissão catador, eles são incluídos socialmente pelo trabalho e em concomitância são excluídos pela atividade que desempenham (MEDEIROS; MACEDO, 2006). Além da falta de oportunidade no mercado formal, foram apontados por alguns participantes outros motivos para estarem como catadores, tais como: problemas de saúde

e a migração para a cidade. Dos participantes da pesquisa, três concluíram o Ensino Médio, e quatro deles não conseguiram a alfabetização. O baixo nível do processo de escolaridade já foi apontado por Carmo (2005) como um fator contribuinte para a prática de trabalho do catador. Foi solicitado aos participantes que elencassem as principais dificuldades encontradas na profissão do catador de materiais recicláveis. Em muitas falas, encontramos informações que podem ser encaixadas em mais de uma categoria, percebemos com isso que as complexidades em relação ao trabalho do catador são mais abrangentes. As respostas dos entrevistados foram divididas em sete categorias, sendo elas Órgãos públicos/Governantes, Infraestrutura e Aterro Sanitário, Separação dos materiais recicláveis, Saúde do trabalhador, Organização do trabalho, Preconceito e Não encontram dificuldades, respectivamente. A fala dos participantes nos proporcionam a reflexão desde a periculosidade de seus trabalhos e suas questões sanitárias tendo contato com materiais hospitalares, a falta de políticas públicas, de equipamentos de segurança individuais, de infraestrutura adequada, de separação dos materiais recicláveis, ao preconceito da sociedade em geral até o não encontro de dificuldade. Questionamos os participantes em relação ao preconceito que a profissão de catador de resíduos sólidos pode acarretar. Ao serem questionados se já sofreram algum tipo de preconceito, dos vinte e quatro participantes, treze afirmaram que não, quatro não responderam, e os outros sete nos relataram as experiências que consideram preconceituosas, segue algumas descrições:

Eu já. Tem amigos meus que antes não me enxergava, falava que era isso, era aquilo né? Que não dava certo, mas nós já temos 20 anos que tá trabalhando. Hoje eles já mudaram de ideia né, a maioria já mudou de ideia já tem outra visão (C7, 2020). Moço [expressão comum na região], aqui na Lapa [referindo-se à cidade] é o que bem tem é isso! A maioria do povo é tudo preconceituoso. Nem só com tipo de serviço, mas com vários tipos de coisa. Tem muito tempo só uma mulher que mandou, parou perto do lixão e falou bem assim: ‘sai daí seu porco’ (C8, 2020). Muitas vezes ne, já cheguei na casa de alguém pra pegar material reciclado e pedir um fogão velho, um papelão, e pedir um copo de água e a mulher descartar o copo no lixo, né? Então para mim, é um preconceito muito grande. Que ela achou que eu trabalho no lixo, [que] eu sou uma pessoa doente, mas não somos. Nós temos muita saúde, Graças a Deus (C9, 2020). Já, me chamaram de lixeira, diz que isso aí é lixo, me chama de vagabunda, já me xingaram de tudo que for nome (C16, 2020). Sim, as pessoas nos olham com desprezo e nojo, não entendem que nossa profissão ajuda ao meio ambiente é digno como qualquer outro serviço (C18, 2021). Com certeza, as pessoas olham para a gente com cara de nojo não entende que ali é o nosso ganha pão, que ali é a nossa única opção de colocar comida em casa (C19, 2021).

Sim. Assim que eu comecei a trabalhar ainda estava aprendendo e sempre passava nas casas pedindo os materiais, além de catar na rua, cheguei na casa de uma mulher perguntei a ela se tinha litro de refrigerante ou latinha de cerveja ela virou para mim e falou que isso ela jogava no lixo que a casa dela não era lixão para juntar essas coisas não, que eu fosse procurar um serviço e me chamou de vagabundo. Moça isso me doeu tanto no peito, pois não estava ali porque eu queria, estava por necessidade, pensei em não trabalhar mais com isso. Só que como eu não tinha outra opção, depois de alguns dias continuei nesse trabalho, a fome dói, moça. E apesar de ser sozinho precisava me alimentar e pagar minhas contas. Já passei por outras situações, mas aprendi não ligar com isso, só eu sei da minha vida. (C23, 2021). A visão estabelecida da sociedade em geral para o catador vai em direção a concepção de utilidade humana na sociedade capitalista. Enquanto somos mecanismos de produção de renda e consequentemente de lucros para aqueles que contratam a mão de obra do trabalhador, os sujeitos são considerados humanos e dependendo da função social que desempenham no seu trabalho acarretam certos status sociais que possibilitam acesso a relações e espaços de poder. A profissão de catador se mantém longe dos ideais do mundo do trabalho, sem status social de respeito, sem infraestrutura, sem cuidados básicos a saúde e sem garantia assalariada nenhuma, é uma saída para aqueles que necessitam

sobreviver e não optam pela criminalidade. É ser colocado à margem, é se converter, do ponto de vista do sistema produtor de mercadorias, em coisa inútil, sem valor (ANTUNES, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização do trabalho para um catador de materiais recicláveis varia em relação a determinados aspectos tais quais: os locais da coleta dos materiais recicláveis (rua, aterro ou empresas específicas); horários e dias destinados a catação; idade e saúde do catador para movimentação nas ruas; associação ou não associação a uma Cooperativa; além das adversidades que podem ocorrer no decorrer do tempo, como a instauração da pandemia da Covid-19, que não só deixou a população em geral em alerta para os protocolos de prevenção mas também modificou toda a organização do trabalho dos catadores em 2020 e 2021. Acreditamos que além desses aspectos relacionados diretamente a prática, ainda interferem na organização do trabalho do catador, as políticas públicas. No caso específico dos catadores entrevistados a falta de políticas públicas para o mínimo de estabelecimento de regulação em relação ao trabalho desenvolvido por eles causa impacto em suas vidas. Não há qualquer regulamentação por parte da prefeitura ou atuação incisiva, ficando restrito a promessas em período eleitoral. A menos de dois anos, a prefeitura da cidade de Bom Jesus da Lapa construiu um aterro sanitário, um local distante da malha urbana da cidade, mas próximo das comunidades quilombolas. Além de seu aspecto geográfico, nas falas dos participantes vemos que no aterro não há algum tipo de infraestrutura para que eles possam descansar durante um período, local adequado para almoçar ou para fazer necessidades, sendo o aterro o principal local para a retirada dos resíduos pela maioria dos catadores.

Na Cooperativa Oeste Ecologia, foi relatado pela gestão que há um processo de auxílio da prefeitura na quitação de contas de água, luz e aluguel, todavia, o espaço destinado a Cooperativa é um depósito aberto e como o aterro, não tem infraestrutura para qualidade de trabalho destes profissionais. Ainda verificamos com base nos depoimentos que outro fator que interfere na prática laboral é o preconceito e status social que os catadores têm que lidar diariamente. Alguns percebem ou passaram por situações mais explícitas, outros, se organizaram para que o preconceito não chegasse de forma tão violenta, todavia, todos os participantes apresentaram traços de percepção ao preconceito social e muitos sonham com a mudança de profissão para garantir um status mais valorizado profissionalmente. Ainda foi perceptível na fala de uma das participantes a necessidade de mais estudos e pesquisas sobre a profissão na cidade de Bom Jesus da Lapa e o papel da Cooperativa Oeste Ecologia nesse processo. A importância do trabalho destes profissionais não se restringe só a retirada dos materiais para a busca pela sustentabilidade, mas a visualização de um tipo de resiliência que pouco se encontra mesmo em meio aqueles que lutam diariamente pelo direito a vida e a ser quem são.

Os catadores de materiais recicláveis ao passo que ocupam espaço na sociedade, escancaram as desigualdades sociais silenciadas, apresentam a luta daqueles que aprenderam a viver com pouco e não renunciar à vida, explicitam a necessidade de mudança nas atitudes e conscientizações sociais, eles dão aula do que é (sobre)viver em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels. *Editora Expressão Popular*. 2. ed. São Paulo, 2005.
- ALBUQUERQUE, B. P. de. As relações entre o homem e a natureza e a crise sócioambiental. Rio de Janeiro, RJ: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), 2007.
- CANCLINI, N. G. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- CARVALHO, Marcos de. O que é natureza. Editora Brasiliense: Coleção Primeiros Passos. 2. ed. São Paulo, 2003.
- CHESNAIS, F. e SERFATI, C. Ecologia e condições físicas da reprodução social: alguns fios condutores marxistas. *CríticaMarxista*, São Paulo, n.16, p.39-75, 2003.
- FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- MANCIBO, D. et. at. Consumo e subjetividade: trajetórias teóricas. *Estudos de Psicologia*, v. 7, n. 2, p. 325-332, 2002.
- MARX, K. O capital. São Paulo: Editora da USP – Ciências Humanas, 1978.
- MARX, K. O capital: crítica da economia política. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Economistas, v. 1).
- MATIAS, M; CAVALCANTE. D. Marginalização e violações de direitos dos catadores de resíduos nas ruas de Fortaleza/CE: uma análise dos aspectos sociojurídicos à luz da constituição federal de 1988. *Revista Brasileira de Sociologia do Direito*, v. 7, n. 3, set./dez. 2020
- MEDEIROS, L. F. R. de; MÂCEDO, K. B. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? *Psicologia & Sociedade*, v. 18, n. 2, p. 62-71, mai./ago. 2006
- MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2004.
- O'CONNOR, J. ¿Es posible el Capitalismo sostenible? In: ALIMONDA, H. (Org.). *Ecología política, naturaleza, sociedad y utopía*. Buenos Aires: CLACSO, 2002.
- SANT'ANA, D.; METELLO, D. Reciclagem e inclusão social no Brasil: balanço e desafios. In: PEREIRA, B. C. J.; GOES, F. L. *Catadores de materiais recicláveis: um encontro nacional*. Rio de Janeiro: IPEA, 2016.
- SAPPER, S. L. Consumo: a engrenagem do fast fashion. *Revista da Pesquisa*, Santa Catarina, v. 6, n. 8, Santa Catarina: UDESC, 2011.
- TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
